

Purificacion que me perdoe

J. Roberto Whitaker Penteado

Uma senhora chamada Purificación Carpinteyro é vice-presidente da Embratel no Brasil. Não a conheço, nem pessoalmente nem de reputação. Suponho tratar-se de cidadã européia ou norteamericana, de óbvia origem espanhola. Pode ser que seja uma competentíssima executiva. Ou não. Já vi seu nome duas vezes: na Gazeta Mercantil, sendo entrevistada e como conferencista, num anúncio de seminário sobre telecomunicações no JB.

Fato é que o nome inusitado me incomoda e acirra uma parcialmente justificada xenofobia. Por que essa senhora - e tantos outros cidadãos de primeiro mundo de nome menos arrevezado - ocupam postos de mando no setor privado da nossa economia?

A julgar pela minha experiência de trabalho de quase meio século - lá e cá - é muito mais por um tipo particular de protecionismo - que chamaria de "nepotismo étnico" - do que por valor profissional.

Quando meu pai e meu avô foram executivos de multinacional - há bem mais de 50 anos - havia uma certa justificativa para que essas empresas enviassem para cá seus diretores e gerentes. No país - que não tinha, sequer, escolas de administração - não era fácil encontrar gente para fazer funcionar as Lights, Fords, Colgates e JWTs. Alguns desses homens, como Richard Penn e Bob Merrick, contribuíram diretamente para formar mais de uma geração de executivos brasileiros.

Só que, nesse ano de 2003, em pleno terceiro milênio, isso deixou de ser verdade - há muito tempo. Não só o país tem uma grande quantidade de escolas superiores de qualidade, como uma fonte tão insuspeita como a revista The Economist escreveu, recentemente, que os executivos e dirigentes brasileiros, nas empresas privadas, estavam entre os melhores do mundo.

Como disse, nas empresas multinacionais onde trabalhei - com exceção de um ou outro profissional, às vezes brilhante, como Christian Dard, da L'Oréal (apesar de ter-me despedido, o que seria outra história a contar) - fui chefiado, muitas vezes, direta ou indiretamente, por pessoas medíocres, ignorantes, grosseiras e, geralmente, carreiristas. Tenho muitos colegas de profissão com experiências semelhantes, assim como tenho a mais absoluta certeza de que você também, amigo leitor.

O quer fazer? E deve-se fazer algo? Acho que sim. Em países "desenvolvidos", como Suíça, Estados Unidos e França, tenho a experiência pessoal de não ter podido exercer total ou parcialmente as minhas atividades profissionais por não ser cidadão desses países. Embora ricos, eles protegem o seu mercado de trabalho para favorecer a prata da casa.

Empregos tornam-se mercadoria rara e temos um governo que quer aumentar a sua oferta. Já mudou, até, o nome do ministério do trabalho para "trabalho e emprego". A senhora Purificación que me perdõe. Como já disse, talvez seja eficientíssima, mas gostaria de ver mais brasileiros ocupando esses cargos de primeira linha, que representam bons salários, benefícios e mordomias - com a responsabilidade e competência de que são capazes.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Purificacion que me perdoe. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=345&ID=185>>. Acesso em: 21 out. 2009.